



Rev. Dr. Marcos Roberto Inhauser

Fone: (0XX19) 2121 5853 escrit. / 99798 6955 cel

www.inhauser.com.br / marcos@inhauser.com.br

www.pastoralia.com.br

TEXTO PUBLICADO NA COLUNA SEMANAL NO CORREIO POPULAR

ELEIÇÃO E FRUSTRAÇÃO

Marcos Roberto Inhauser

Não nasci para ser político, apesar de gostar da política. Gosto dos jogos, das disputas, da inteligência na negociação. Detesto a falcatura, a corrupção, o toma-lá-dá-cá, o franciscano “é dando que se recebe”, a lei de Gerson adotada por políticos. Eleição para mim é um exercício de cidadania, oportunidade ímpar de se discutir temas pertinentes à cidade, estado e nação, de se encontrar formas de, atendendo à maioria, haver um projeto que seja ganha-ganha para todos. Detesto o uso de espertezas regimentais, de becos-sem-saída produzidos pelos que só buscam o próprio interesse.

Não gosto da máxima que “há muitas maneiras de ficar rico: nenhuma delas é trabalhando e a mais rápidas delas é se elegendo”, ainda que as evidências me levem a ser obrigado a acreditar que um mandato de vereador é o suficiente para comprar uma senhora mansão em um dos bairros nobres da cidade.

Abomino os que, no abuso do poder econômico, conseguem eleições estrepitantes, e com a cara-de-pau-durismo se apresentam na mídia dizendo ser o reconhecimento da cidade ao trabalho que tem feito. Renego eleição financiada por dinheiro escuso, do narcotráfico ou de corrupção de parentes políticos. Expulso em nome de Jesus os que, em nome de Jesus, se elegeram, fazendo dele cabo eleitoral de partidos e candidatos.

Por isto, para mim, ver o resultado das urnas é um misto de regozijo e decepção. Constatar que algumas raposas da política nacional, estadual e municipal ficaram de fora, e que, apesar da máquina colocada ao seu dispor, não conseguiram os votos para a sua eleição ou reeleição, me dá um prazer quase orgásmico. Vejo justiça nas urnas, vejo o dedo de Deus separando joio do trigo, vejo esperança de que alguma coisa vai mudar.

Mas as mesmas urnas me encham de frustração ao ver pessoas sem qualificações, envolvidas em escândalos e denúncias não investigadas ou abafadas pelo peso político que têm ou de amigos que possuem, se elegendo e alguns com expressiva votação. Paira-me a dúvida: será a urna instrumento popular e divino para melhorar a sociedade?

Fico na dúvida e não sei se um dia saberei responder ou se terei resposta minimamente satisfatória a esta pergunta. Hoje por hoje, acho que não. Estou frustrado, desesperançado, estou mais para o escritor do Eclesiastes que para o de Cantares.

Nesta quase-depressiva situação me vem à mente que o poder das urnas nos tempos de Jesus, quando o povo foi consultado plebiscitariamente sobre Barrabás ou Jesus, optou pelo marginal. Isto é paradigmático: ainda hoje há os que preferem Barrabás a Jesus, os malfeitores ao justo, os corruptos aos honestos.

Mas esta mesma reflexão me leva a pensar que o Senhor da história fez do desastre da urna plebiscitária de Jerusalém, a benção da morte e ressurreição, que há vida depois da votação desastrosa, que os malfeitores, mesmo poupados da cruz, da investigação, das denúncias, da retirada de denúncia comprada a peso de ouro, morrerão, mas que o injustiçado será galardoado ao final de três dias.

Que o Senhor me ajude a crer nisto, porque hoje não consigo.